

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)



# A Influência da Comunicação

**Marcelo Pereira da Silva**

(Organizador)

# A Influência da Comunicação

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
143	<p>A influência da comunicação [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-684-3 DOI 10.22533/at.ed.843190710</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Jornalismo. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.48</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A sociedade contemporânea se caracteriza pelo avanço de investigações e inquietações em busca – e em torno – da epistemologia da Comunicação, por meio de estudos de diversas áreas: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Marketing, Design, Produção Audiovisual, etc.

Sob o enfoque de campos teórico-metodológico-empíricos que evidenciam a complexidade da Comunicação e sua pluralidade investigativa, este livro coloca na ribalta a influência da Comunicação, tanto a de massa quanto a virtual, considerando-a como instituição social dotada de poder na qual/pela qual transitam discursos, emergentes formas de socialidade, de interatividade, diálogo, negociação, conflito e convivência.

Levamos em conta a onipresença generalizada da Comunicação, haja vista que sua necessidade confunde-se com o ar e faz surgirem diversas pesquisas acerca de seus efeitos e influências, tanto em nível de emissão como de recepção e circulação de sentidos.

Assim, esta obra reúne artigos de pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, preocupados com o status da Comunicação e suas influências no contexto de uma sociedade midiaticizada na qual as redes/mídias, sejam de massa, sejam virtuais, ocupam um lugar central na consolidação da democracia, da participação, na ressignificação de práticas de ensino e na construção de um saber que traduza a complexidade do tecido social e responda às aporias do contemporâneo.

Abordamos a Influência da Comunicação por meio de 25 artigos divididos em 3 partes: A primeira engloba discussões a respeito da influência do Jornalismo em suas muitas nuances na sociedade contemporânea; a segunda envolve a influência do ensino, políticas públicas, Comunicação de marcas e participação social; a terceira abarca a influência da Comunicação no contexto das redes/mídias sociais da Internet

Este arcabouço de produções científicas problematiza os influxos do Jornalismo, do ensino e da prática das atividades/profissões da Comunicação e das Redes e Mídias Sociais digitais. Caracterizada pela inter/trans/multidisciplinaridade e proliferação de tecnologias disruptivas, a Comunicação, ontologicamente, tem como propósito fomentar a aproximação dos pontos de vista, produzindo respeito e tolerância; contrariamente, observamos certo alargamento do fetiche da visibilidade e o alastramento da incompreensão do mundo e do Outro.

Necessitamos renovar as condições teóricas, epistemológicas e práticas da Comunicação e do crucial laço social, tão frágil nas sociedades expostas aos fortes ventos da globalização, da midiaticização e do consumismo sem bússola.

(Re)conhecer a essencialidade e a influência da Comunicação para a sociedade, as organizações, os Estados-nação e os sujeitos, tornou-se *conditio sine qua non* para a paz no/do mundo e a redução das desigualdades econômicas, culturais e sociais, admitindo seus desafios e dificuldades, mas abraçando as oportunidades e esperanças que da Comunicação emanam.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>PARTE 1: A INFLUÊNCIA DO JORNALISMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b>	
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MULHER JORNALISTA NO CINEMA AMERICANO	
Beatriz dos Santos Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
RADIOJORNALISMO EM REDE: AS ADAPTAÇÕES DAS RÁDIOS BAND NEWS DIFUSORA E RIO MAR PÓS-MIGRAÇÃO DE AM PARA FM	
Edilene Mafra Mendes de Oliveira	
Gilson Vieira Monteiro	
Manoela Mendes Moura	
Eliona Monteiro de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS PELO JORNAL ONLINE “DIÁRIO DE PERNAMBUCO”	
Natascha Almeida Dantas	
Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
PROXIMIDADE NO TELEJORNALISMO: PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM NAS ESCALAS LOCAL E REGIONAL	
José Tarcísio da Silva Oliveira Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A REVISTA WIRED COMO DISPOSITIVO: ANÁLISE INTERPRETATIVA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO DISCURSO MIDIÁTICO	
Thalis Macedo Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
“RAZÕES PARA ACREDITAR”: UMA ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE DO PORTAL DE BOA NOTÍCIA	
Maria Clara Chagas de Menezes	
Mariana Fontenele Braga de Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
ENTRECRUZAMENTOS DE NARRATIVAS HISTÓRICAS E FICCIONAIS: A DESILUSÃO DE HENFIL EM TANGA (1987)	
Márcia Neme Buzalaf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8431907107</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 87**

DEUS SALVE O REI E O GOVERNO BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Evelyn Iris Leite Morales Conde  
Fábio Mamoré Conde

**DOI 10.22533/at.ed.8431907108**

**PARTE 2: A INFLUÊNCIA DO ENSINO, POLÍTICAS PÚBLICAS, COMUNICAÇÃO DE MARCAS E PARTICIPAÇÃO**

**CAPÍTULO 9 ..... 99**

COMUNICAÇÃO DE RISCO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA DE COMUNIDADES TRADICIONAIS EM PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO NO RIO SÃO FRANCISCO

Michele Amorim Becker  
Sonia Aguiar Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.8431907109**

**CAPÍTULO 10 ..... 111**

COMUNICAÇÃO DE MARCAS TERRITORIAIS: UM MODELO DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL E DE CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES NO E COM O LUGAR

Patrícia Cerqueira Reis

**DOI 10.22533/at.ed.84319071010**

**CAPÍTULO 11 ..... 125**

DIFICULDADES NA APLICAÇÃO DO DESIGN THINKING PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS PUBLICITÁRIOS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Amarinildo Osório de Souza  
Camilla Rosas Gomes  
Jhonatas Lima de Souza  
Melissa Lima Cabral

**DOI 10.22533/at.ed.84319071011**

**CAPÍTULO 12 ..... 141**

EDUCOMUNICAÇÃO, DISCIPLINA OPTATIVA NOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFCE – CAMPUS ACARÁU

Amaurícia Lopes Rocha Brandão

**DOI 10.22533/at.ed.84319071012**

**CAPÍTULO 13 ..... 153**

ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS DE ACESSO ABERTO PARA UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Ivanilma de Oliveira Gama  
Lidiane dos Santos Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.84319071013**

**CAPÍTULO 14 ..... 160**

MODERNIDADE LÍQUIDA: A ESTABILIDADE DOS SERVIDORES PÚBLICOS BRASILEIROS FRENTE ÀS INCERTEZAS DA PÓS-MODERNIDADE

Gustavo Freitas Pena Vieira  
Rose Mara Vidal de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.84319071014**

**CAPÍTULO 15 ..... 173**

O MERCADO DA BIBLIODIVERSIDADE: UMA BREVE ANÁLISE DA DINÂMICA DE CAPITALS DAS EDITORAS PATUÁ E LOTE 42

Samara Mirian Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.84319071015**

**CAPÍTULO 16 ..... 185**

PODCAST ANTROPOFÁGICO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PRODUÇÕES SONORAS EM COMUNICAÇÃO

Luan Correia Cunha Santos  
Lisiane Machado Aguiar

**DOI 10.22533/at.ed.84319071016**

**CAPÍTULO 17 ..... 197**

O CINEMA E O DUPLO: ANÁLISE MIMÉTICA DO FILME MARINA

Bárbara dos Santos Oliveira  
Crislene Susane Fernandes Moreira  
Alexandre Bruno Gouveia Costa

**DOI 10.22533/at.ed.84319071017**

**CAPÍTULO 18 ..... 208**

OS FATORES PROJETUAIS DE CRIAÇÃO DA CAPA DO DISCO *CLUBE DA ESQUINA* (1972)

Valéria Nanci de Macêdo Santana

**DOI 10.22533/at.ed.84319071018**

**PARTE 3: A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO E DAS REDES SOCIAIS DA INTERNET**

**CAPÍTULO 19 ..... 217**

CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NA CENOGRAFIA “FUI ENGANADO PELA EMPRESA!” – O DISCURSO DO CONSUMIDOR NO SITE DE REDE SOCIAL RECLAME AQUI

Marcelo Pereira da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.84319071019**

**CAPÍTULO 20 ..... 230**

AS POTENCIALIDADES DA REDE SOCIAL NA ALAVANCAGEM DE EVENTOS ACADÊMICOS

Valéria Macedo  
Daniele Dantas  
Rodrigo Duarte Guedes  
Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

**DOI 10.22533/at.ed.84319071020**



<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>243</b>
A COBERTURA JORNALÍSTICA DA IMPRENSA EM ÉPOCA DE NOVAS TECNOLOGIAS E ATIVISMO NAS REDES SOCIAIS	
Aline da Silva Novaes Vitória de Figueiredo Brandão Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>252</b>
EVOcando CARTÕES POSTAIS NO INSTAGRAM: ESTUDO AUTOMATIZADO DE IMAGENS	
Tarcízio Silva Mariana Zanotti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>266</b>
COMO OS BRASILEIROS PERCEBEM O INSTANTÂNEO ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA FOTOGRAFIA DIGITAL	
Beatriz Vieira e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>277</b>
REDES SOCIAIS NA INTERNET E A ECONOMIA ÉTNICA: BREVE ESTUDO SOBRE O AFROEMPREENDEDORISMO NO BRASIL	
Taís Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071024</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>290</b>
PERSPECTIVAS FOLKCOMUNICACIONAIS: UM OLHAR SOBRE LAMBADÃO E INTERATIVIDADE	
Aline Wendpap Nunes de Siqueira Joilson Francisco da Conceição	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>302</b>
SEMIÓTICA E MEMÉTICA NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO	
Eduardo Correa de Godoy Maria Clotilde Perez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84319071026</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>314</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>315</b>

## PODCAST ANTROPOFÁGICO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PRODUÇÕES SONORAS EM COMUNICAÇÃO

**Luan Correia Cunha Santos**

Universidade Federal de Roraima, Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
Boa Vista - Roraima

**Lisiane Machado Aguiar**

Universidade Federal de Roraima, Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
Boa Vista – Roraima

**PALAVRAS-CHAVE:** Podcast; Antropofagia; Transculturização; Sensorialidade comunicacional.

**ANTHROPOPHAGIC PODCAST: A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR SOUND PRODUCTIONS IN COMMUNICATION**

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é de apresentar uma proposta metodológica para refletir e executar o que se chama de “podcast antropofágico”, que utiliza características oriundas do exterior de forma a exaltar o nacional no processo de produção. Buscamos contribuir para a construção de produções inovadoras em sensorialidade comunicacional, além de atualizar especificidades da antropofagia para as matrizes sonoras. Dessa forma, constatamos que o podcast brasileiro, no que se refere, a produção e consumo de streaming de áudio online é realizado de forma diferenciada, e com isso traz consigo novos traços para pensarmos o processo transcultural que envolve o consumo e a transformação de tecnologias estrangeiras no Brasil. A partir disto, esta comunicação investiga as perspectivas com as quais podemos interpretar o processo de transculturação presente em podcast brasileiros como um ato antropofágico.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to present a methodological proposal to reflect and to execute what is called “podcast antropofágico”, that uses characteristics originating from the outside in order to exalting the national in the production process. We seek to contribute to the construction of innovative productions in communicational sensoriality, in addition to updating the specificities of anthropophagy for sound matrices. In this way, we verified that the Brazilian podcast, in what refers, the production and consumption of online audio streaming is carried out in a differentiated way, and with this brings with it new traits to think about the transcultural process that involves the consumption and transformation of technologies in Brazil. From this, this communication investigates the perspectives with which we can interpret the process of transculturation present in Brazilian podcast as an anthropophagic act.

**KEYWORDS:** Podcast; Anthropophagy; Transculturation; Communicational sensoriality.

## 1 | INTRODUÇÃO

O movimento antropofágico, em síntese, trata de igualar a cultura brasileira as demais, não apenas rejeitando o que se origina de fora do país, mas ressignificando e recriando a partir da arte estrangeira o que lhe fortalece o nacional/local. Além disso, trata a identidade latino-americana enquanto um “entre-lugar”, essa que não se expressa a partir de noções de pureza e unidade, como nos moldes europeus, e sim como um “espaço” de ressignificação e recriação (MELO, 2010). É uma metáfora da transculturação, em que se mastiga do estrangeiro apenas o útil e ao digerir, cria outra cultura híbrida, aberta e múltipla.

O *podcast*, no formato que conhecemos hoje, é uma criação estadunidense. O acesso a arquivos de áudio na internet não foi a novidade trazida pela nova mídia, pois esta prática já era exercida antes de sua criação. Com o desenvolvimento da tecnologia: *Really Simple Syndication* (RSS) aplicada aos arquivos de áudio, permitindo que usuários pudessem se cadastrar e receber conteúdos de sua preferência a cada nova atualização, em seus computadores pessoais e dispositivos móveis sem precisar busca-los e conectá-los um por um (SAMPAIO et al., 2015).

Não se trata apenas de um programa de rádio online, ou um arquivo de áudio no ciberespaço. Mas sim da forma como a internet possibilitou que o conteúdo chegue de forma mais eficiente ao usuário. Sendo o podcast uma tecnologia estrangeira, mas já disseminada em contexto brasileiro, este ganha aplicabilidade diferente da associada ao seu país de origem, no caso os Estados Unidos da América. Podemos investigar e constatar que o ato *podcasting* (fazer podcast) brasileiro atualiza a forma como a tecnologia foi criada, pois no Brasil, se produz e consome o streaming de áudio online de outra forma, e com isso traz consigo novos traços.

A partir desta perspectiva, esta comunicação investiga como podemos interpretar o processo de transculturação presente em *podcast* brasileiros como um ato antropofágico. Outra indagação pertinente deste estudo destina a compreender como é possível construir um podcast antropofágico. Analisando as características do movimento antropofágico, proposto por Oswald de Andrade, como estas se relacionam e se atualizam a partir da linguagem sonora? Mas afinal, porque se pensar na relação entre duas variáveis que, em primeiro momento, parecem tão distantes em seus conteúdos e temporalidades em tempos que novas tecnologias (estrangeiras ou não) nos possibilitam a multiplicidade na forma de contar histórias que contribuam para a diversidade cultural? Para isso, devemos alçar uma jornada em busca de diferentes ferramentas narrativas para a valorização e atualização do conhecimento.

No entanto, precisamos pensar a forma como técnicas e tecnologias estrangeiras são reconfiguradas e apropriadas em terras brasileiras. Neste campo, encontramos o movimento antropofágico, que possibilita pensar nossa identidade a partir do “entre-lugar”, da não associação e aplicação pacífica da cultura estrangeira, mas como um processo de devorá-la em seus pontos positivos, e a partir desse processo criar uma

outra cultura (SANTIAGO, 1978), que a partir de então, nunca será coesa e pura, e sim diversa e multifacetada.

Para a efetivação desta pesquisa, foi realizado levantamentos bibliográficos em suas diversas fases de leitura (exploratória, descritiva, analítica e interpretativa) a partir de estudos sobre a tecnologia de streaming de áudio online e sobre o movimento antropofágico. Dessa forma, desenvolvemos níveis de leitura, observação e interpretação para construir a análise das formas e produção e consumo da tecnologia no Brasil. Com isso, o objetivo é traçar um caminho prático-metodológico para a proposta de podcast antropofágico.

## 2 | ANTROPOFAGIA E SUA TRANSCULTURAÇÃO

A antropofagia é entrelaçada ao significado de ser humano que se alimenta de partes ou de todo outro ser humano. Tem sua origem nos povos indígenas antropófagos que faziam valer a máxima “você é o que come” e, ao ingerir partes de um inimigo aprisionado, acreditavam estarem ingerindo suas habilidades. Não se comia qualquer coisa, nem de qualquer inimigo.

Era necessário reconhecer qualidades no outro que vem de fora. Ao digeri-las, tornavam-se assim suas. Tornava-se mais forte. Hans Staden, alemão que veio em expedição ao Brasil ainda no período de Colonização e foi aprisionado por povos tupi (que praticavam rituais de canibalismo e antropofagia, escapou, muito por pouco, porque associou sua imagem à covardia e o medo da morte, fazendo com que os indígenas o considerassem fraco (CUNHA, 2005). Esses e outros relatos podem ser encontrados em seu famoso livro Viagem ao Brasil.

O ritual antropofágico passou a ser um objeto de estudo da antropologia, que começou a tratar seus simbolismos e significações. No campo das artes e literatura, seu início se deu quando o escritor Oswald de Andrade recebeu de sua então companheira, Tarsila do Amaral, a obra batizada de “Abaporu”. Impressionado, Oswald dedicou-se a criar um movimento em torno da peça, o qual chamou de Manifesto Antropofágico (COUTO, 2009).

Em seu manifesto, Oswald resgata alguns preceitos previamente defendidos em outra vanguarda modernista, o Manifesto Pau-Brasil, como a necessidade da valorização da cultura nacional e busca por uma identidade cultural brasileira, porém ressalta agora a necessidade assimilação do estrangeiro para a exportação da cultura do Brasil, com claras intensões de igualar esta a importância e influência que a europeia exercia no campo das artes (COUTO, 2009). Criando uma metáfora com os rituais indígenas antropofágicos, Oswald propunha que se devorasse, destroçasse e esmiuçasse a cultura estrangeira, de forma a assimilar suas qualidades, e a partir do ato de digeri-la, criar assim uma terceira e diferente cultura que incorpore qualidades externas capazes de agregar valor (ANDRADE, 1995).

Era proposto também a exaltação do popular. Se na Europa havia um

modelo, uma harmonia devido às proximidades de matrizes culturais e adoração ao conhecimento científico, fruto do positivismo, em terras brasileiras a pretensão de valorização era voltada ao conhecimento intuitivo e popular. Rompe com a forma de “consumir passivamente” a cultura europeia, enraizada no país do início do século XX, ‘celebrando o canibal tupi por seu poder transformador, por sua capacidade de “criar instabilidade, o conflito, em vez de um resultado, uma conclusão ou síntese”’ (COUTO, 2009, p. 342).

Benedito Nunes (1979), em sua obra *Oswald Canibal* acrescenta que, na tentativa das vanguardas modernistas de resgatar o histórico brasileiro e buscar estabelecer uma identidade nacional, o “culto ao primitivismo” nos capacitaria a encontrar, nas formulações artísticas estrangeiras, a mistura de ingenuidade e pureza, de rebeldia instintiva e de elaboração mítica que formavam o depósito psicológico e ético da cultura brasileira, tendo em vista seu próprio processo de colonização.

O Movimento Antropofágico, também, é uma das primeiras tentativas bem-sucedidas de estabelecer a América Latina como cultura pertencente a um paradigma de hibridização e não apenas de cópia inautêntica. Para a antropofagia não há um sentimento de inferioridade, o desajuste não é encarado como desvantagem e sim como possibilidade de traçar rumos históricos alternativos. Segundo Schwarz (1987), esse seria o grande diferencial utópico do Brasil no “mapa da história contemporânea” (SCHWARZ, 1987, p.38).

Silviano Santiago caracterizou a empreitada de Oswald como “sabotagem estratégica” da forma como os colonizadores (europeus) impunham seus códigos culturais e sociais e a maneira como estes eram “inseridos” na América Latina. Segundo o autor, a maior contribuição para a sociedade ocidental moderna é a forma como instaurou-se aqui uma zona de “entre-lugar”, graças ao desvio da norma e suas características ativa e destituída dos padrões europeus imutáveis (SANTIAGO, 1978).

A metáfora da antropofagia pode constantemente remeter ao conceito de transculturação, e por vezes, ambos podem ser confundidos como sinônimos, no entanto, é importante ressaltar suas diferenças. O movimento antropofágico, por mais que represente de forma alegórica e metafórica a transculturação, é uma das diversas formas como o outro conceito se apresenta. Neste projeto tomamos como referência a definição empregada pelo escritor cubano Fernando Ortiz (2002) em que define a transculturação como encontro de duas culturas que, entre ajustes e negociações, implicando em ganhos e perdas, formam uma terceira e nova cultura.

### 3 | PODCAST E SUAS ESPECIFICIDADES

Ao acionarmos o uso da tecnologia *podcast*, estamos necessariamente fazendo a utilização de uma ferramenta originária do estrangeiro. Conhecido como “*podfather*” (pai do podcast), Adam Curry (empresário estadunidense) conseguiu desenvolver um meio de transferir áudio através do modelo RSS. A necessidade de fazer com que

os usuários acompanhassem as atualizações advindas de diversas fontes, fez com que a tecnologia fosse alavancada. Curry, que em 2004 era apresentador do canal norte-americano MTV, buscou alternativa para a programação repetitiva das rádios convencionais e optou por oferecer ao público conteúdo personalizado, dando a opção de escolha ao ouvinte (JÚNIOR, 2017).

O termo, no entanto, foi cunhado pela primeira pelo jornalista britânico Bem Hammersley no jornal *The Guardian* quando este sugeriu a combinação do termo “pod” oriundo da palavra *iPod* e o sufixo “cast” do termo em inglês “broadcast”, que significa “transmissão pública” (SAMPAIO et al., 2015).

Ao tentarmos definir o que seria o *podcast*, podemos caracterizá-lo como um conteúdo de mídia, geralmente em áudio, transmitido através do modelo RSS e por meio de assinaturas (SAMPAIO et al. 2015). Embora não haja uma especificação de que o termo é cunhado exclusivamente para áudio, foi no formato sonoro que este se consolidou. Bufarah Junior o classifica como “disseminação de arquivos digitais de áudio através da web, com periodicidade e utilizando tecnologias de indexação RSS” (2017, p.1).

No entanto, a tecnologia tem suas características, especialmente considerando a produção e distribuição. Por ser difundido a partir da internet, o podcast incorpora as bases de comunicação horizontal, introduzidas a partir da web 2.0 e construída com base nos interesses e desejos pessoais. Neste ambiente os usuários passam a ter espaço para transmitir suas opiniões, além de criar e distribuir conteúdo (CASTELLS, 2015). Tais possibilidades criam uma ruptura na forma de consumo. O que Alex Primo (2007) vai denominar como mudança do modelo PUSH (empurrado para a audiência) para o modelo PULL (puxado pela audiência). Desta forma, conteúdos massivos perdem espaço para aqueles que abordam temas específicos e que, ao tratarem com profundidade, conseguem fidelizar seu público.

Constatação disso é a existência de *podcast* de temas variados e específicos como história, esportes (e específicos para cada um deles), música, culinária, educação, cultura pop, política. É necessário entregar ao ouvinte um conteúdo que agregue valor. A experiência do usuário na internet e sua relação com o *podcast*, no entanto, é antiga, remetendo ao próprio desenvolvimento da tecnologia.

Embora Curry tenha sido seu criador, seu mecanismo inicial era rudimentar e não atendia completamente aos objetivos propostos. A solução que o apresentador encontrou foi disponibilizar em um site colaborativo o código fonte de seu programa, o que chamou atenção de diversos desenvolvedores, que então passaram a trabalhar coletivamente e voluntariamente em seu aperfeiçoamento, chegando a criação do software *iPodder4*, que deu início a disseminação do podcast no mundo. O feito não apenas alterou a forma como se consome produções, mas também possibilitou uma democratização nos processos de elaboração de conteúdo (JÚNIOR, 2017).

Vários programas de gravação e edição foram desenvolvidos e disponibilizados de forma gratuita para que usuários passassem a produzir conteúdo. Hoje, a tecnologia

RSS é muito utilizada pela rede social de compartilhamento de vídeos *Youtube*, que permite que usuários inscrevam-se em determinados canais e passem a receber notificações a cada novo lançamento deste na plataforma. O diferencial, além do tipo de produção (visto que o *Youtube* é um canal exclusivo para vídeos e o podcast desenvolveu-se como agregador de áudio) no site os vídeos ficam disponíveis apenas em seu domínio online, enquanto os *podcasts* são transferidos e baixados para o aparelho do usuário, caso este esteja conectado com uma rede de internet.

No Brasil, a primeira experiência desenvolvida no campo foi o *Digital Minds* criado por Daniel Medeiros para diferencial o conteúdo de seu blog homônimo dos demais, foi divulgado pela primeira vez em outubro de 2004. No ano seguinte foi criada a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), evento dedicado exclusivamente para tratar do tema (SILVA, 2009). Hoje, existem algumas referências em termo de audiência, durabilidade e alcance, entre eles: Nerdcast, Café Brasil, Braincast, Mamilos. A maioria deles desenvolvidos pelo portal B9, o maior produtor do ramo brasileiro de podcast.

Sendo o podcast uma criação estrangeira, podemos problematizar: Como degustar da cultura do outro, reconhecer suas qualidades e inseri-las em um contexto latino-americano/brasileiro, sem perder a essência nacional e sem limitar as produções brasileiras a uma cópia malsucedida do modelo “original”? Para interpretar essas separações culturais, ideológicas e técnicas é que tomamos novamente o movimento de Oswald de Andrade e sua antropofagia cultural. Nesse artigo, articulamos a metáfora da transculturação proposta pelo movimento antropofágico como uma proposta metodológica para refletir sobre o podcast brasileiro.

#### **4 | PROPOSTA METODOLÓGICA DE PODCAST ANTROPOFÁGICO PARA A PRODUÇÃO DE ÁUDIO**

Para uma proposta de *podcast* antropofágico é necessário revisitar pontos importantes da antropofagia para que, assim, possamos adaptá-los para a linguagem e produção sonora. Defendemos que, ao fazer tal interpretação, encontramos traços do movimento antropofágico para além da linguagem literária escrita, e propomos sua atualização para outras matrizes da linguagem.

Partimos de quatro pilares característicos do movimento antropofágico: a) a adesão ao primitivismo; b) o constante consumo de identidades; c) o “entre-lugar” da América Latina; d) a exaltação do Nacional. Cada um desses pontos será debatido e analisado com alguns eixos da constituição de podcast: forma e plasticidade sonora; conteúdo e distribuição. Desta forma, será possível compreender as aproximações entre as variáveis desta proposta.

Adotamos como conceito de primitivismo a tendência que busca seus modelos na ingenuidade de forma dos povos primitivos. O primitivismo, foi inicialmente adotado pelos padrões eurocêntricos como sinal de inferioridade dos povos colonizados por

conta de sua organização social (MELO, 2010). Aquilo que era associado ao conceito foi considerado em muitos momentos como algo negativo, de menor complexidade e capacidade intelectual. A partir da proposta de Oswald de Andrade, a adesão ao primitivo ganha um novo significado. Tornou-se assim um impulso para a criação artística de países de terceiro mundo e proporcionou uma guinada de perspectiva, considerando o defeito como qualidade, exemplo de identidade e originalidade (MELO, 2010).

Alfredo Melo (2010) quando propôs interpretar a obra de Mário de Andrade “Macunaíma” sob a perspectiva do movimento antropofágico, considerou a adesão ao primitivismo da literatura a forma como o autor recorria ao sobrenatural para explicar passagens do texto e para dar andamento a narrativa. Segundo o antropólogo francês Lucién Levy-Bruhl, os povos primitivos não conseguiam distinguir o sobrenatural do real, recorrendo ao misticismo para explicar e guiar acontecimentos do cotidiano. O autor afirma com Mario de Andrade utilizou o que seria desvantagem para criar uma das principais características da importante obra da literatura brasileira. Desta forma, o misticismo presente auxilia a narrativa em sua “desgeografização” das passagens, além de auxiliar no ritmo do enredo.

Para analisar o primitivismo ao podcast, faremos outra interpretação. Tomando como ponto de partida a forma, ou seja, a linguagem sonora. Podemos interpretar o conceito a partir do estudo das matrizes da linguagem auditiva. Consideremos essas matrizes a partir de três elementos: música, efeito sonoro e voz. Estes correspondem a três categorias definidas por Pierce e sua semiótica: não-representativo, figurativo e representativo (CARVALHO, 2007).

O não-representativo tem como predominância a música e suas propriedades, tais como a melodia, a harmonia, o ritmo, o timbre. O figurativo é onde encontram-se os efeitos sonoros ou som ambiente, estes têm como objetivo construir signos referentes a um objeto concreto, como passos, barulhos de chuva, que fazem referência a concretude da chuva e de uma pessoa caminhando. O representativo por sua vez tem como predominância a voz, inserem-se em um universo híbrido composto pela linguagem oral e verbal. São formas representativas convencionadas através da língua (CARVALHO, 2007).

Assim, como existem três categoriais sonoras, também existem três formas de ouvi-las. A primeira trata-se de “ouvir com o corpo, quase não pensar”, remete as sensações que são transmitidas através do som, deixando assim o ouvinte absorto na sensação do ouvir. O segundo nível está ligado ao caráter situacional, ou a forma como a música se relaciona ou cria um contexto, trata-se também de um ouvir como adjetivo como triste e alegre, e nesta perspectiva desloca a audição primária dos sentidos para os sentimentos. O terceiro nível é a racionalização do ouvir, se o primeiro é um quase não pensar, este exige convenções feita pelo intelecto humano, como associar a repetição de determinado tema para uma situação, um personagem, ou até mesmo a um podcast (CARVALHO, 2007).



Em relação a adesão ao primitivismo na esfera da música, enquanto matriz sonora, o foco de um “podcast antropofágico” poderia se desenvolver a partir a noção primeira de se ouvir, aquele que lhe remete sensações. Criar um programa cuja trilha sonora faz o ouvinte ter uma experiência de percepção a partir dos sentidos de seu corpo pode se constituir como uma importante ferramenta de experiência sensorial. A escolha da vibração correta possibilitaria, também, uma interpretação para além do óbvio e do coeso, abrir margens a interpretações variadas e novas descobertas de transmitir uma mensagem a partir do corpo. Defendemos que não se ignore as demais constituições do ouvir musical, mas tendo como base a metáfora antropofágica, o foco está na sensação. Este tende a ser grade diferencial para a podosfera nacional, além de uma forma de envolver o público.

Com relação aos efeitos sonoros, também podemos caracterizá-los a partir de três níveis. Em um primeiro instante, temos um efeito sonoro que representa em parte o objeto ao qual se relaciona, tendo foco na plasticidade de sua presença do que na referência ao original. Podemos encontrar um exemplo de tal uso a partir do cinema. No filme “Os Pássaros” de Alfred Hitchcock, o som das aves era substituído por sons de violinos. Neste caso, a plasticidade da presença dos violinos é exaltada, ao invés do som que fielmente represente aves (CARVALHO, 2007).

Essa relação primária da utilização de efeitos sonoros se aproxima, em partes, com interpretações e possibilidades antropofágicas, uma vez que sua utilização permite desenvolver a plasticidade da matéria ao invés de simplesmente dar impressão de uma realidade coesa e inquestionável. Lucia Santaella (1989) explica essa categoria sonora, e nos possibilita relacionar com o primitivismo presente em obras antropofágicas, como o próprio Macunaíma. Quando Mario de Andrade faz uso do misticismo para dar nova concretude a realidade, ele também faz um movimento de desprendimento ao referencial real natural, e passa a criar uma nova qualidade concreta para este dentro da narrativa.

Existem ainda outras duas formas de se interpretar a aplicação de efeitos sonoros, a segunda trata justamente da conexão direta entre o signo e significante. Neste sentido o som é diegético, referenciando o espaço físico da maneira mais fiel possível, buscando ser realista (CARVALHO, 2007). Esta é a característica predominantemente empregada quando se trata de efeitos sonoros. O terceiro nível busca relacionar e convencionar determinado som para um significa específico (CARVALHO, 2007), desta forma poderíamos interpretar, em um programa de podcast, por exemplo, que todas as vezes que se ouvir o som de uma máquina de escrever seria lida em voz alta um comentário de ouvinte.

Por fim, os atributos da voz também são interpretados a partir de três pilares. A primária busca explorar a musicalidade com que a voz é expressa, dando mais uma vez ênfase na plasticidade sonora. Trata-se da possibilidade de brincar com os sons ao buscar a musicalidade da voz e não apenas o significado do que se é pronunciado. Em segundo nível temos a caracterização daquele que pronuncia, ou seja, elevação

de entonação, sotaque, o que podemos denominar de “figurino sonoro”, é o que vai caracterizar o falante e dar a ele uma identidade a ser reconhecida. Por último, temos a voz off, que participa como narrador do contexto (CARVALHO, 2007).

A busca por elementos sonoros do primeiro nível constitui-se na aproximação entre o fazer *podcast* e o movimento antropofágico. A partir da cultura de filmes estadunidenses, as características primárias de execução de áudio foram rapidamente inferiorizadas, para tornar a experiência sensorial auditiva coesa, buscando a realidade, o que a torna monótona e previsível. O padrão americano também impôs ao de superioridade na formatação de áudios. Subverter essas lógicas e apostar em pilares primários (ou primitivos) na execução de *podcast*, possibilita reverter esse padrão, aproximando-se assim do movimento antropofágico.

A adesão ao primitivismo também pode ser representada por uma constatação feita em estudos de *podcast*: A maioria dos *podcasts* brasileiros surgem por iniciativa pessoais e para se produzir um material deste tipo não é necessário um conhecimento avançado, nem altos investimentos (VANASSI, 2007). Retomando o conceito do primitivismo como relacionado a ingenuidade a um formato “primitivo”, aproximá-lo da antropofagia cultural é possível, pois esta sugere a inversão de papéis daquilo que outrora é considerado como padrão superior, considerando que o Brasil se apresenta na *podosfera* como espaço dominado predominantemente por “amadores”.

Essa relação e facilidade entre quem produz *podcast* brasileiros também nos permite ressaltar outras características fundamentais da antropofagia, entre elas a exaltação do nacional e o entre-lugar da América Latina.

Segundo Luiz (et al., 2010) o *podcast* tornou-se uma importante ferramenta de comunicação para setores marginalizados socialmente, servindo como um espaço para “militância” na defesa de seus direitos. Isso reflete a penetração e importância desta mídia no contexto local/nacional de suas produções e sua relevância na esfera social brasileira.

Tal pensamento permite diálogo com o movimento antropofágico, uma vez que, ao ressaltarem características de determinadas populações marginalizadas pela mídia tradicional, as iniciativas de *podcast* “amadoras”, conseguem, através da técnica, exaltar características nacionais/locais das produções, além de conciliar o conteúdo com a possibilidade de utilizarem uma linguagem própria para se comunicarem com seu público alvo, um público de nicho, realçando um traço próprio do formato.

Se as temáticas tendem a realidade brasileira e a linguagem também, as formas de acesso completam a tríade da “exaltação do nacional”. Por mais que, como já debatido neste artigo, o que difere um *podcast* e um conteúdo *on demand* seja a forma de acesso ao material produzido, o público brasileiro está pouco familiarizado com a forma de acesso a conteúdo através da tecnologia RSS (LUIZ, et al., 2010).

Interpretamos aqui que este “desvio da norma” no consumo de *podcast* brasileiro como uma forma genuína de interpretação por parte do público, uma vez que este prefere acessar o conteúdo diretamente de sites e blogs aos quais estes estão

hospedados. Apropriando-nos da antropofagia, o que poderia ser considerado como “defeito ou desvio”, abre possibilidades de novas formas de consumo do conteúdo. Esta preferência brasileira se dá não apenas por uma falta de costume, mas também pelas opções de participação e interatividade que o acesso direto em sites permite, como por exemplo, o campo dos comentários (LUIZ et al., 2010). A forma como a maioria do público brasileiro ouve o *podcast* está direcionada a uma participação, a ideia de um consumo coletivo e trocas de experiência que se expressam a partir dos comentários.

A característica do acesso, assim como a forma e a produção evidência a uns dos importantes pilares defendido por Oswald de Andrade em seu manifesto. O espaço da América Latina como zona de “entre-lugar”, onde se perde uma noção nortista de pureza e unidade (relacionadas ao consumo, produção e distribuição), para se constituir uma nova lógica que transfigura elementos, nos possibilita novas compreensões e adaptações da cultura estrangeira (SANTIAGO, 2000). Desta forma, ela não deixa de existir ou ser apropriada em solo nacional, mas é feita de maneira deglutida e aglutinada a partir de traços nacionais/locais.

O consumo de identidades estrangeiras também ocorre não apenas na técnica e no formato, mas também no conteúdo. Por ter como uma de suas principais características a produção por “amadores”, existem muitos programas que destinam-se a comentar ou recriar produções já existentes. É a forma como os admiradores de certa cultura criam o conteúdo a partir de outro, que por muitas vezes também é estrangeiro. Trata-se da atualização do campo cultural e da forma como as audiências tem participado e influenciado o ciclo comunicacional maneira como este é evidenciado no formato *podcast*.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o movimento antropofágico, não apenas como um dos mais bem-sucedidos movimentos de realce a cultura nacional brasileira da modernidade, mas também uma metáfora muito bem elaborada por Oswald de Andrade a quase cem anos, que serve para interpretarmos traços culturais do Brasil até os dias de hoje. É possível pensar em antropofagia em 2019? Podemos dizer que sim, desde que façamos interpretações necessárias. Os tempos são outros, as formas de acesso a comunicação, arte e cultura também, bem como suas formas de produção. Talvez, os criadores do movimento não imaginassem que até hoje, poderíamos acionar seus preceitos na elaboração de um pensamento crítico cultural moderno.

Problematizar sobre um *podcast* antropofágico torna-se mais do que viável se considerarmos os principais pilares da antropofagia e as suas devidas adaptações. Evocar tal interpretação para *podcast* não é uma tarefa simples, e a execução da proposta aqui defendida, tão pouco. Mas, ainda necessário, tamanha a grandeza da metáfora, expressa em sua atualidade. Ainda se constitui como um importante mecanismo de

indagações e discussões, que pode auxiliar no processo de desenvolvimento crítico cultural brasileiro. Por isso, torna-se mais que importante que possamos atualizar e reinterpretar aquilo que tão bem nos serve, pois diferente do rádio, o podcast geralmente possui uma temática muito específica para cada produção. A aproximação com a temática é fundamental, uma vez que com um público de nicho e não massivo, é necessário entregar ao ouvinte um conteúdo que agregue valor, e para isso, não é somente a mensagem narrada que importa, pois há outros elementos que compõem a linguagem sonora, entre elas a estética.

Tal cuidado com a forma sonora constitui grande valor no processo comunicacional, mas o diferencial ocorre na liberdade de explorar novas formas de tratar a linguagem sonora. O valor do conteúdo está ligado também ao inesperado e original. Para alcançar a inovação neste âmbito, é empregado conceitos ligados a sensorialidade e a forma como ela emite significados e sensações através do sentido da audição.

Dessa forma, a sensorialidade comunicacional perpassa pela noção de que todos os diversos campos da atividade humana são ligados pelo uso da linguagem, e que esta relaciona-se diretamente com a aptidão humana em receber e exprimir as impressões do mundo. Logo, não existe por parte do ouvinte uma passividade referente ao processo de recepção, pois cabe a esse uma ativa posição responsiva ao perceber e compreender o significado do enunciado. A sensorialidade com o emprego de novas técnicas no processo de elaboração de mensagens auditivas acarreta mudanças na percepção dos indivíduos, ou seja, trata-se da capacidade que veículos que trabalham exclusivamente com a linguagem sonora em despertar “diálogos mentais” oriundos de reflexões mobilizadoras acionadas a partir de conteúdos sonoros, como o caso do *podcast*.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropofágico**. Em A Utopia Antropofágica. 2 ed. Por O. de Andrade. São Paulo: Editora Globo, 1995. 47-52.

CARVALHO, Marcia. **A Trilha Sonora do Cinema**: Proposta para um “ouvir” analítico. Caligrama: Revista de Estudos Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia. V.3, N.1. USP: São Paulo. 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: paz e Terra, 2015.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. **Tupy or not Tupy**: Antropofagia hoje. XXIX Colóquio CBHA. 29. 2009. Espírito Santo. Anais... Rio de Janeiro. Comitê Brasileiro de História e Arte. 2009.

CUNHA, Manuela Carneio da. **A antropofagia e seus malentendidos**. Os tupis do Brasil – por Manuela Carneio da Cunha. Parte 01. 2005. 3 min, son., color., Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qC-peR2LKoM&feature=youtu.be>.

JÚNIOR, Alvaro Bufarah. **Podcast**: Possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XVII Encontro de Grupos de Pesquisa em

Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação. Curitiba: Paraná. 2017. LUIZ, Lúcio. ASSIS; Pablo de. SALVES, Déborah;

GUANABARA, Gustavo. **O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia.** IV Simpósio Nacional ABCiber. ECO/UFRJ. 2010. MELO, Alfredo Cesar. Macunaíma: entre a crítica e o elogio á transculturação. Hispanic Review, volume 78, number 2, Spring 2010.

NUNES, Benedito. **Oswald Canibal.** São Paulo: Perspectiva, 1979. PRIMO, Alex. O Aspecto Relacional das Interações na Web 2.0. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio Grande do Sul. 2007.

SAMPAIO, Amanda Brinto. COSTA, Carolina da Silva. MONTEIRO, Everson Umada. **Convergências midiáticas do cibermeio brainstorm9: uma análise das interfaces télicas youtube, podcast e digital móvel.** 6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. UFMS. Campo Grande: Mato Grosso do Sul. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Por uma classificação da linguagem visual.** In: Face 2 (I). São Paulo: Educ, 1989. SANTIAGO, Silviano. Nas Malhas da Letra. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano.** In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional Por Subtração.** Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VANASSI, G.C. **Podcasting como um processo midiático interativo.** Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Marcelo Pereira da Silva** - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018).

Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016).

Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009).

Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003).

Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional de Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís.

É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018.

Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: marcelosilva\_rp@hotmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 125, 127, 131, 133, 139, 140

Artes 28, 73, 74, 75, 145, 187, 270, 300, 302, 314

### E

Ensino 15, 92, 95, 96, 97, 125, 127, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 142, 148, 149, 151, 153, 163, 166, 235

### I

Interdisciplinaridade 84, 231, 241

### M

Matemática 303

Metodologia 13, 14, 19, 25, 31, 34, 56, 59, 100, 112, 127, 132, 139, 141, 153, 159, 166, 197, 198, 220, 230, 232, 281, 303

### R

Resolução de problemas 127, 278

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-684-3

